

Twitter e YouTube não se importam em lucrar com misoginia e racismo, por Djamila Ribeiro

Publicações de militante de extrema direita que violam o Estatuto da Criança e do Adolescente permanecem nas redes

(Folha de S. Paulo | 19/08/2021 | Por Djamila Ribeiro)

Nesta semana, completou-se um ano da divulgação da identidade de [uma menina negra de dez anos engravidada por um tio](#) que buscou seus direitos de aborto legal. [Seu nome foi exposto por uma “militante de extrema direita”](#) que, na sua conta do Twitter, violou o Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outras leis.

O fato ganhou ampla repercussão. A conta do Twitter da tal militante de extrema direita estava ativa para acesso geral mesmo com histórico de anos de mensagens falsas. [Ela, inclusive, havia sido presa pouco tempo antes](#) por causa dos atos antidemocráticos contra o Supremo Tribunal Federal. Mas mesmo antes disso, havia uma longa lista de episódios de narrativas de violência e exposição.

Pois bem. Não satisfeita, também divulgou o endereço do hospital onde a menina faria o aborto legal.

No YouTube, essa mesma pessoa passou a fazer vídeos ao vivo repercutindo o caso, enquanto uma horda perseguia a menina no Espírito Santo, estado onde morava, e depois em Pernambuco, para onde foi transferida.

Djamila Ribeiro

Mestre em filosofia política pela Unifesp e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais.

[Acesse o artigo completa no site de origem](#)